

A vida da orquídea fora do frasco

*Raimundo Mesquita **

Passou um ano desde que fizemos a nossa primeira semeadura (*Orquidário*, vol. 4, nº 1, págs. 21/26). Nesse período vencemos a contaminação, inimigo ardiloso com seus exércitos de microrganismos, prontos para desenvolverem-se ali onde só esperamos o surgimento de pequenas protuberâncias, verdes, indicando que surgiu a clorofila, brotou a vida. Mas, vencemos por fim, não houve microrganismos, mantivemos os frascos em temperatura adequada, que nunca ultrapassou os 28° centígrados. A gelosia não secou, porque soubemos dosar a quantidade de água, que recobriu, umedecendo, a superfície do meio de cultura que preparamos. O teor de luz que propiciamos à germinação, primeiro, e, depois, às plântulas foi controlado para ir sendo aumentado, a partir de quase obscuridade, até chegar ao ponto ótimo, algo próximo de 70% da luminosidade que oferecemos à planta adulta do mesmo gênero e espécie.

O fundo do frasco, onde se assenta o meio de cultura parece uma pequena floresta, de um verde viçoso e a gelosia está cheia de raízes.

É a hora de saírem as plantinhas, para prosseguirem na sua luta pela vida, até a floração, que está a um bom par de anos na frente...

Mas, nem sempre foi assim, sem sobressaltos, o seu desenvolvimento. Casos houve em que tiveram que sair do frasco, mas para entrar em outro frasco, por que se continuassem naquele arriscavam morrer ou, pelo menos de-

seenvolver mal, tornando-se fracas e prometendo um futuro de problemas, no estágio posterior.

Por isso, faço um intermezzo sobre a vida dentro de outro frasco, antes da liberdade do vaso coletivo.

1 — *A vida dentro de outro frasco*

Os motivos que tornam aconselhável trocar de frasco são variados:

a) você errou na mão e caíram mais pingos do que era desejável (lembre, 2 ou 3, no máximo 4) e as sementes eram muito férteis; germinando, em pouco tempo encheram o substrato disponível, mas as plantas não estavam, ainda, suficientemente fortes para serem levadas ao vaso coletivo; b) algumas plântulas, depois de germinadas como as outras, secaram e morreram, deixando uma tóxica massa marrom, envenenando as outras, ainda sadias; c) depois da germinação inicial e formação de folhas, as plantinhas não arrancavam, pararam de crescer, apresentando sinais de carências nutricionais, folhas que amareleciam e secavam, seguro indicativo de que o meio de cultura esgotou os nutrientes e de que as plantinhas necessitavam de substrato novo; d) apesar de bem fechado (tanto que não deixou passar microrganismos patogênicos) o frasco secou inteiramente, ressecando o meio de cultura (às vezes, uma nova injeção, só com água esterilizada, resolve).

Você chegou à conclusão de que as plantinhas não têm porte suficiente, nem raízes com o tamanho necessário (2 a 3 cm) para enfrentarem o ambien-

* Rua Dona Mariana n.º 73/902
Botafogo, Rio — RJ — 20.280

te já mais agressivo de um vaso coletivo.

É a hora de ir à “capela”, ou então arriscar perder o que está vivo dentro do frasco. Vamos repicar.

2 — *Repicando* — Depois de ter semeado sem “capela”, o que é muito prático e seguro, fica meio aborrecido ter que recorrer à capela, objeto que imaginamos caro e complicado de operar (de fato, trabalhar com os braços enfiados em 2 buracos pequenos exige que adquiramos uma certa prática).

É possível, porém, ter uma capela, com bom nível de assepsia, de baixo custo. Há, até quem as construa com caixa de cartão, revestida internamente com papel de alumínio, desses que se compram aos rolos nos supermercados. A tampa do visor superior é feita

com filme plástico transparente.

2.1 — A caixa de repique

Para essas ocasiões eu tenho uma caixa de madeira, com tampo de vidro. As paredes internas são revestidas de fórmica, podendo ser de outro material que agüente as lavagens e limpezas de esterilização.

Nessa “capela” instalei alguns equipamentos, que se podem ver nas duas fotos seguintes: uma lâmpada germicida, ultravioleta; outra, lâmpada fluorescente, para clarear bem o ambiente de trabalho. Fora da caixa e entre os orifícios para os braços, um desses aparelhos de esterilização do ar atmosférico, que sofre, assim, uma primeira filtragem.



Capela sendo preparada para operação. A luz, inferior, acesa, é germicida — UV. Ao fundo, frascos com meio de cultura, apenas cobertos de papel laminado.

Já esterilizada e pronta para operar e iluminada para trabalho. Já se removeu a cortina de plástico que, na primeira foto, protegia os orifícios para os braços.



2.2 — Esterilização da caixa

1º — Lavar bem, com água e sabão, enxaguar e secar com toalha de papel.

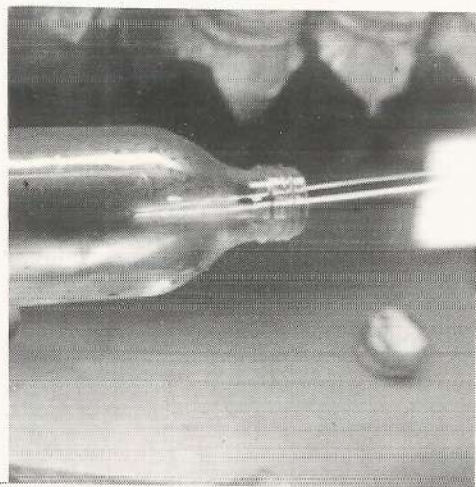
2º — Usando luvas de borracha, esfregar bem com um algodão embebido em hipoclorito de cálcio (a solução, com cloreto de cal, está indicada no primeiro artigo), todas as paredes e deixar secar.

3º — Acender a lâmpada germicida, por meia-hora, imediatamente antes de operar, desligando minutos antes do início do trabalho de repique (*Atenção*, as lâmpadas ultravioletas são nocivas aos olhos, pele e, também, às plantinhas, por isso desligá-las é fundamental para a saúde de ambos, sua e de sua planta).

4º — Pelos orifícios dos braços, borrifar álcool isopropílico (o comum serve, embora não tão eficiente). CUIDADO para não ter *nenhuma* chama, ou fagulha, por perto.

2.3 — O Repique

Está esterilizada a “capela”. Vamos ao repique, que é mais fácil de fazer e mostrar do que de explicar. Assim, vamos às fotos, passando, antes, pela sequência:



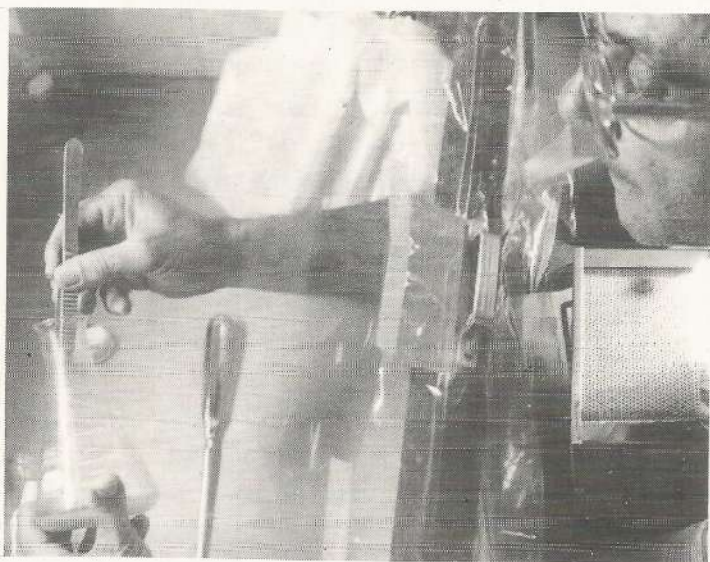
5º — Aberto o frasco que contém as plantas, com a pinça vão retirando-se

1º — Antes de introduzir os frascos — o vazio, com meio de cultura novo, que vai ser usado no repique, e o que contém as plantas — faça a assepsia de suas paredes externas esfregando com álcool, levando-os a secar já dentro da “capela”, deitados, lado a lado.

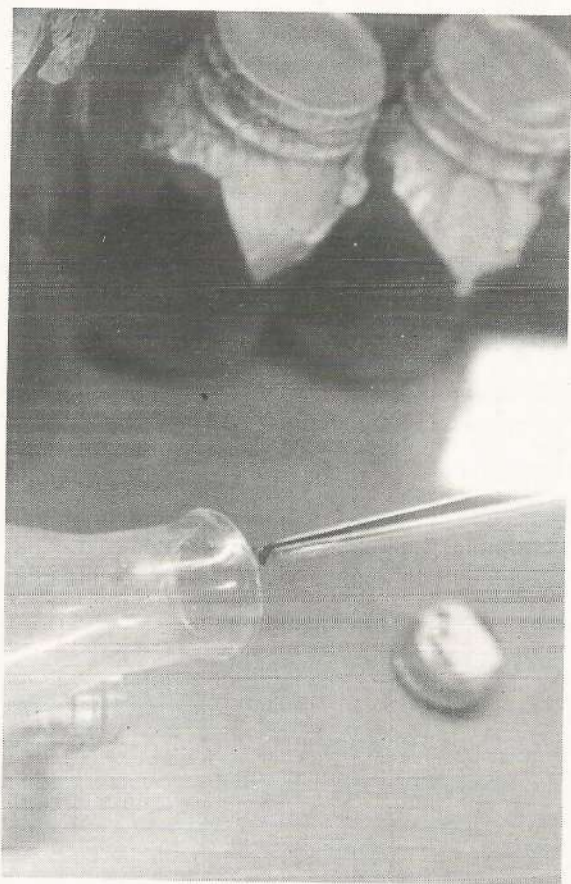
2º — Lave bem mãos e antebraço com sabonete neutro e enxagüe. Ponha um pouco de álcool nas mãos e esfregue bem, inclusive os antebraços (Se, por alguma razão, tiver que tirar os braços de dentro da caixa, renove a operação).

3º — Com movimentos lentos, retire a tampa do frasco que contém as plantas e, em seguida, a do outro, deixando ambos deitados, pois isso reduz as chances de contaminação pelos resíduos que permanecerem em suspensão, no ar.

4º — O único instrumento de que vamos precisar é uma pinça de tamanho adequado, previamente esterilizada (a quente, por flambagem; a frio, para o que existem muitos produtos — eu uso um chamado Germekill, que é removido lavando-se em álcool; ou por pressão, na panela de pressão, envolvida em papel de alumínio, levando-se, assim, para a “capela”).



as plantinhas, que são levadas, o mais rápido possível, para o novo frasco.



6º — Com um e outro frascos, sempre, em posição horizontal vai-se colocando as plântulas no novo meio. Uma ligeira pressão permite que se firmem na gelosia.

7º — Está terminado o repique. Lentamente, sempre lentamente, pois isso reduz os riscos de contaminação, já que o deslocamento de ar é menor, arrolhe o novo frasco.

Algumas observações adicionais: nunca coloque muitas plantas no novo meio de cultura, prefira usar maior número de frascos; só abra um frasco, com meio novo, de cada vez; deixe para retirá-los da “capela” quando tenha terminado todo o trabalho de repique; após retirada, uma rápida passada da boca do frasco, já arrolhada, numa chama de álcool, é útil, para mais esterilização.

Os cuidados posteriores são os mesmos que com plantas germinadas em frasco. Além disso, como na semeadura, é esperar que passem, sem contaminar, as 4 primeiras semanas. Depois é só acompanhar o crescimento, que é muito bom.

3 — Vaso coletivo

Vamos que você não tenha tido qualquer dos problemas que justificaram o recurso à caixa esterilizada. Você semeou pouco, a temperatura foi adequada, também umidade ambiente e luminosidade. Suas plantinhas devem estar ótimas. É retirá-las, quebrando esse equilíbrio, para dar-lhes o primeiro choque do meio ambiente.

Depois de tanta dificuldade e sobressaltos (estes, aliás, nunca nos deixam, já que, planta, como qualquer ser vivo, está sujeita sempre a agressões, sobretudo quando jovem), agora é fácil.

1º — Prepare o vaso coletivo. Deve ser sempre raso, como é recomendável para epífitas. O tamanho vai ser determinado pelo número de plantas que nele vão ser instaladas. Prepare o fundo de drenagem, um pouco mais alto ou como o que você faz para suas orquídeas: cacos de telha, bolas de isopor, pedaços de carvão, pedra britada, etc.

2º — Encha um pouco com o substrato que você vai usar. Os mais usados são, no Brasil, esfagno, que eu prefiro, pois acomoda melhor a plantinha, ou fibra de xaxim, lavada e peneirada, bem picada (há quem use sobre a última camada, de um ou outro substratos, uma camada de areia grossa, de rio, que facilita o plantio e retém umidade).

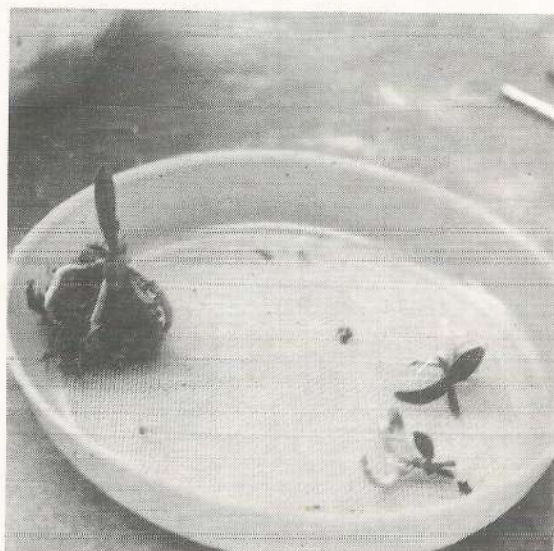
3º — Retiram-se as plantas do frasco, com pinça ou alça de arame, sendo colocadas numa peneira de malha fina. Leva-se à torneira para um jato, não muito forte, que remova os restos de agar que veio com as raízes (esses restos devem ser removidos o mais possível, pois passam a abrigar fungos e outros patogenos). Deixa-se secar por algum tempo, cerca de 24 horas (essa secagem é essencial, para evitar apodrecimento, que é requente com seedlings. Com Vanda, eu chego ao exagero de nem lavar, mas simplesmente

limpar a gelosia das raízes com cotone-
te e água).

4º — Remove-se, cuidadosamente, raí-
zes escuras, secas e quebradas. O mes-
mo, com as folhas que secaram.



5º — Comece pelo meio, isto lhe dará
uma visão melhor do espaço disponí-
vel. Use, no centro, a planta maior. Po-
nha substrato por baixo e depois com-
pacte em volta.



6º — Como as raízes são bem flexíveis,
é possível fazer com que envolvam um
pouco de substrato, o que facilita a ar-
rumação no coletivo. No canto esquer-
do da foto pode ver-se uma planta já
preparada.



7º — Assentadas as plantas, complete
os vazios em volta e comprima ligeira-
mente, para acomodar.



8º — Arrumadas todas as plantas,
preencha todos os vazios, nivelando e
comprimindo. É preciso que as plan-
tinhas fiquem firmes, sem tombar.

Está concluído seu vaso coletivo.

4 — *Cuidados posteriores*

As jovens plantas precisam de mui-
ta umidade, mas não devem ser enchar-
cadas. Se você tem uma estufa, não as
misture com plantas adultas, já que as
regas fortes podem matá-las por afo-
gamento, principalmente com o subs-
trato de esfagno, que absorve e retém
muita água. O ideal é um local isolado,
mais sombreado, em que se possa dar

trato específico aos “seedlings”. Se a sua quantidade for pequena, vale colocar os vasos dentro de um saco plástico, transparente, amarrando a boca (fazer uma pequena armação de arame, ou usar arame de pendurar vasos, com três pernas para evitar que o plástico toque nas plantas). A vantagem é que as plântulas têm um ambiente parecido com o do frasco onde vegetaram por um ano, em umidade e temperatura. Regue, moderadamente, de quando em quando, cerca de uma semana, dependendo do clima, ou pulverize com maior frequência.

Precisam ser fertilizadas com certa frequência e regularidade. Eu uso adubo químico, granulado, na fórmula 10-10-10, que renovo de 2 em 2 meses, distribuindo os grânulos por todo vaso e o mais longe possível de cada planta. A cada 15 dias, pulverizo com adubo foliar com maior teor de nitrogênio (8-6-6). Uso 1/5 da dosagem recomendada para plantas adultas.

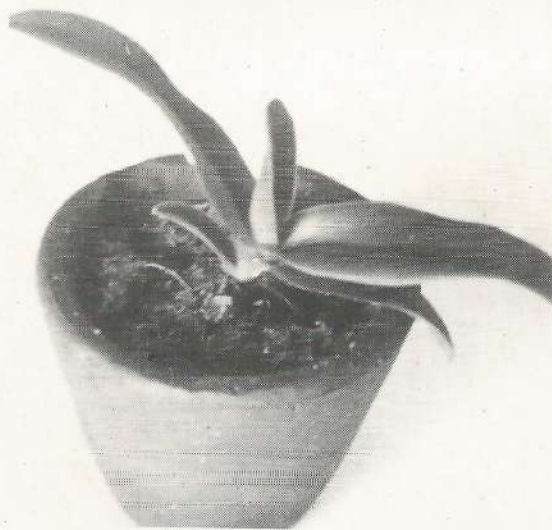
A partir de cerca de um ano depois, as plantas são repicadas para novos coletivos ou para individuais, dependendo do desenvolvimento e tamanhos dos “seedlings”.



Vaso com arame



O saco plástico permite atmosfera úmida constante, próxima da que a planta tinha no frasco.



Embora haja casos em que o seedling vai direto para o individual, o comum é passar cerca de 1 ano no coletivo.

O da foto dá idéia da relação de tamanho entre planta e 1º vaso individual.